



Diocese de Lausana, Genebra e Friburgo

## Carta Pastoral

# « O diálogo pela a verdade »

Mgr Charles MOREROD OP

*Março 2019*

Eu tinha escrito uma carta pastoral que depois mudei. Não posso não dizer nada sobre os acontecimentos que perturbam seriamente a nossa Igreja e sua credibilidade. A princípio, não quis voltar a uma questão que mencionei na carta pastoral da Quaresma de 2018, mas não posso presumir que nos lembramos disso, nem tão pouco fazer de conta que os problemas foram antecipadamente resolvidos.

Os abusos são dramáticos, e o são mais ainda porque dizem respeito a pessoas que não podem defender-se: dos menores, mas também das mulheres de idade (entre elas as religiosas) que foram ativamente mantidas em situação de dependência. O destaque desses abusos merece um primeiro julgamento positivo, apesar do sofrimento que provoca nas vítimas que revivem seu drama, mas também nas pessoas que amam o Evangelho e a Igreja. É realmente bom que a luz sempre se estenda mais, porque é a condição de uma mudança profunda. É Cristo que nos diz: « A verdade vos libertará » (João 8,32), « Nada há encoberto que não venha a descobrir-se, nem oculto que não venha a conhecer-se » (*Lucas 12, 2*). Certamente a maioria entre nós diz: « Eu não tenho que pagar pelos erros dos outros! Sim e não, porque mesmo quando os abusos foram cometidos por padres (e bispos), as vítimas apontam para uma cumplicidade mais ampla da “sociedade cristã ». Quanto aos sacerdotes, vejo o admirável ministério de muitos deles, a considerável ajuda dada às pessoas que sofrem, e a suspeita levantada contra eles é uma das razões para buscar a verdade, porque somos percebidos como unidos ...

Todos nós queremos aplicar belos princípios de solidariedade na Igreja, e esses princípios não se limitam a alguns casos: « Um membro [da Igreja] sofre? Todos os membros sofrem com ele. Um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria ». (1 *Corintios 12,26*). Como o papa nos convida em seu paralelo entre o abuso e o clericalismo, devemos rever no nosso ponto de vista, especialmente sobre os tipos de autoridade na Igreja, que se destinam a servir e não para favorecer vaidades ridículas, uso de outrem por seu próprio ego, levando a odiosas escravidões. Eu vejo minha própria responsabilidade a esse respeito, mas não posso cumpri-la sozinho.

O fato de os presidentes das Conferências Episcopais de todo o mundo terem sido reunidos pelo papa e de que o mesmo papa denunciou os abusos sobre as religiosas é uma clarificação bem-vinda e necessária. Eu sei que muitas pessoas

estão pedindo que passemos de palavras para ações específicas. Espero que elas não de vir, vendo a dificuldade que há em apresentar medidas idênticas para o mundo inteiro, exigindo, por exemplo, uma denúncia à justiça do Estado, enquanto que os Estados não são em todo lado uma ajuda. Na Suíça, pelo menos, podemos colaborar bem com as autoridades do Estado, e é a primeira coisa que devemos fazer: temos o dever de não lhes esconder nada do que sabemos ou suspeitamos. A polícia tem o direito e os meios para investigar com competência, eu não (por exemplo). Fundamentalmente, temos uma necessidade urgente de mudar a cultura interna da Igreja, pelo reconhecimento por Deus de nossa igualdade diante dele, com uma prioridade aux mais fracos.

No encontro de fevereiro em Roma, a jornalista mexicana Valentina Alazraki, que trabalha no Vaticano há décadas, dirigiu-se aos bispos: « Podemos ser aliados, não inimigos. (...) Mas se vós não decidirdes de modo radical estar ao lado das crianças, das mães, das famílias, e da sociedade civil, tendes razão em ter medo de nós, porque nós, jornalistas, que queremos o bem comum, seremos vossos piores inimigos »<sup>1</sup>. Aliàs é o que dizia também pelo menos uma parte das vítimas apresentadas no filme *Graças a Deus*. Sou testemunha da ajuda que dão as vítimas e os jornalistas quando aceitamos o diálogo. Os católicos que acreditam que a Igreja é vítima de uma campanha de difamação subestimam o cansaço das pessoas que, ajudando a iluminar, muitas vezes querem também ajudar a Igreja a se purificar.

A experiência mostra que a Igreja está se reformando sob a influência da santidade de seus membros (tipicamente São Francisco de Assis), mas também sob a influência de forças aparentemente adversas, que estimulam a boa vontade interna ... Quando nos é oferecido um diálogo, como acabou de fazer Valentina Alazraki depois de muitas vítimas, lembremo-nos dos benefícios que todos nós obtivemos de alguns dos nossos diálogos em áreas diferentes.

Entre os sofrimentos causados por fatores diretamente relacionados à nossa fé cristã estão os conflitos religiosos entre cristãos, ainda presentes entre nós como animosidade mútua há meio século. Esses conflitos em nossas regiões foram em grande parte superados por décadas de diálogo ecumênico, e todos somos gratos. Escutando aqueles que acreditavam que queriam nosso mal, conseguimos não apenas favorecer a paz com eles, mas também paz para nós mesmos. Esta

---

<sup>1</sup> <https://www.vaticannews.va/fr/vatican/news/2019-02/journaliste-mexicaine-abus-eglise-vatican-pedophilie-vatiab.html>

mensagem, ou este testemunho, é atual num contexto mais amplo: nossa sociedade sempre corre o risco de ser composta de grupos justapostos que se fecham sobre si mesmos. Vê-se nas redes sociais grupos de pessoas que sempre compartilham informações indo na mesma direção ... Este risco afeta obviamente também a Igreja: não entremos na nossa concha diante da crítica.

Se quisermos contribuir para a sociedade na área do diálogo, devemos fazê-lo também dentro da Igreja. Isto tem que ver com muitos aspetos, mas sublinho um que vai ser o objeto duma atenção particular em nós: o diálogo entre crentes de diferentes origens. Na nossa diocese, a maioria dos católicos praticantes é de origem estrangeira: à primeira vista é motivo de alegria, às vezes motivo de tensão. Vejo em primeiro lugar a alegria, porque sobre estes pontos pessoas afastadas da Igreja encontram na nossa fraternidade interna um verdadeiro sinal de esperança<sup>2</sup>.

Se as nossas relações mútuas, por vezes, fazem o ditado de Tertuliano « Veja como eles se amam », devemos também observar os casos em que as nossas relações são realmente uma boa nova. Onde existe, o nosso diálogo é uma contribuição positiva para toda a sociedade (estamos aqui em primeiro lugar para anunciar a Boa Nova). Uma sessão que reunirá pessoas que trabalham para a Igreja será dedicada a esse diálogo interno entre católicos suíços e imigrantes (meados de novembro de 2019). A minha carta devia falar sobre o diálogo ecumênico e o diálogo interno dentro da Igreja: faço alusão a isso, mas os acontecimentos atuais levam a uma abordagem mais ampla: amemos a luz, não tenhamos medo dela, e que o sofrimento ligado a críticas bem fundamentadas seja para todas as pessoas envolvidas uma oportunidade de libertação! Que a nossa humilhação nos torne mais fiéis a Cristo, para que possamos ver na Igreja o Evangelho que continua!

---

<sup>2</sup> Por exemplo a paróquia e as missões linguísticas de Renens receberam da comuna o Mérito de integração em 2005 e 2012.